

A razão da procura

conto de Luiz Costa Pereira Junior¹

O jovem Meno, da aristocrata família dos Aleudes, mora em Farsalo, na Tessália, região onde fica o monte Olimpo. Os Aleudes ganharam o título de “Hóspedes hereditários do imperador”, que o rei Xerxes costumava dar a estrangeiros que traíssem seus compatriotas durante as invasões persas.

Seu pai pagava muito bem a Górgias para tê-lo como discípulo – e Meno correspondia aos esforços com uma mente aguçada como espada de Aquiles. O rapaz aprecia as facilidades garantidas por suas riquezas, os amantes que coleciona, os favores que promove e cobra como se fosse um agiota, mas se deleita ainda mais com as viagens que o dinheiro lhe oportuniza, menos interessado em conhecer novas paisagens do que em aprender com os sábios de outras terras.

Por seus contatos em outras cidades gregas, Meno acaba de ser enviado pelos nobres tessálios para obter ajuda contra a ameaça de Lícofron, o tirano de Feras. A viagem a Atenas é tão proveitosa que sobra a Meno tempo para ver Sócrates. Ele o encontra ainda na Ágora, pés descalços, banho por tomar, a toga enlameada, o ar alambicado dos sinceros. Passado um naco de hora, Meno quer saber da maiêutica, o método de questionar ideias até chegar a uma verdade inquestionável.

– Como você perguntará, Sócrates, aquilo que não conhece? O que colocará como assunto de investigação? E se encontrar o que quer, como vai saber que isso é o que você não sabia? Como pode perguntar sobre o que não sabe, e se sabe por que perguntar?

¹. Jornalista e escritor, é doutor em filosofia e educação pela FE-USP.

– Eu sei, Meno, o que você quer dizer – respondeu Sócrates – mas basta ver que disputa cansativa você me está apresentando. Você argumenta que um homem não pode perguntar sobre o que ele sabe, ou sobre aquilo que não conhece; porque, se ele sabe, não precisa inquirir; e se não, ele não pode, pois não conhece o próprio assunto sobre o qual ele deve inquirir.

– Acredito haver sempre o meio termo, a construção da verdade à medida que se pergunta, e a construção de perguntas conforme venham as verdades.

– Mas a isso não terá chegado verdade alguma. É preciso saber o que faz de uma pergunta a pergunta, que a verdade há de chegar sobre todas as outras...

– Isso não pode ser tão definitivo assim, Sócrates, do contrário colocaremos fim ao pensar sem freios que faz perguntas mesmo quando não se espera resposta.



Depois de algum tempo, Meno se retira, embriagado pelo curto tempo que passou com mente tão arguta, mas desgastado com a falta de solução para o problema proposto. Sócrates ruma para o ginásium antes de voltar para casa, para Xantipa.

Ao fim da tarde, assim que chega em casa, a mulher reclama mais uma vez da vagabundagem do marido.

– Estamos fadados ao fracasso – desabafa Sócrates, desolado.

– Finalmente concorda comigo – respondeu Xantipa.

– Falo do fracasso das coisas, das certezas, da filosofia.

– Vá tomar banho, que as ideias também há de se limparem... – rebate a mulher, que ironizava o marido para não ter de ficar irritada quando o via falar de suas frustrações como se fossem males de toda raça.

– Toda ironia é cruel, sabia?

– O que foi, homem? Desembuche de vez... – respondeu a mulher.

– Soube no ginásium que andam me ameaçando de prisão...

– Eu canso de avisar. Você é um incosequente. Fala o que quer e desafia a inteligência de todo mundo. Claro que uma hora alguém ia revidar...

– Nunca temi arcar com as consequências daquilo que defendo – retrucou Sócrates.

– Do que lhe acusam desta vez?

– De corromper os jovens...

– Bobagem, isso não prospera!

– É essa a ironia da coisa, ser acusado de corromper a juventude quando é essa nova geração que ameaça corromper-me.

Sócrates conta à mulher o encontro com Meno.

– O rapaz é o que menos tem importância – argumentou Sócrates. – Sua proposição é frágil e está longe de ser decisiva. Ele, na verdade, não me disse nada de mais, e admito que eu o escutava distraído, atento o suficiente para que eu desse lugar a tudo o que já então me incomodava. É como se o vento soprasse um barco sem força para lhe tirar do lugar, mas movimentando a vela que ocultava uma paisagem admirável.



– Eu bem que avisei a você que este é o problema de falar por aí o que você fala – respondeu Xantipa. – Você termina ouvindo o que não quer.

Sócrates parece não dar atenção. Fala a si mesmo.

– A posição de quem decifra um problema deveria ser, por princípio, a de descobrir, não a de esclarecer. Não há o que investigar se já sei o que vou encontrar, pois do contrário só se encontra aquilo que já se tinha.

Xantipa pega um banquinho e se senta para ficar mais perto da esteira do marido.

– Quantas e quantas vezes você começa debates que não têm conclusão alguma? Quantos diálogos seus deixaram as questões em aberto? Todo mundo quer respostas, Sócrates, ninguém quer duvidar do que já sabe. A maioria não é como você, e só se lança a uma questão sem genuína curiosidade, só para confirmar o que já pensava.

Parece infinita nossa ambição de saber o que as coisas são, cogita Sócrates ao encarar Xantipa sem de fato atentar nela. Mas querer saber é apenas isso, uma ambição. Ao dizer o que algo é, quem sabe sempre confirmemos aquilo que já estava em nós.

No núcleo das coisas talvez durma nosso erro. Esse núcleo pode ser um grande vazio, talvez nem exista. A unidade, de tão coesa, só pode ser vária ou as coisas apenas seriam em si mesmas, sem julgamento posterior possível, sem significado para além de si. Ocorre que julgamos tudo a todo momento, nossos netos farão o mesmo, de modo muito diferente de nós mesmos, e o que eles disserem ser a verdade das coisas será a verdade, e ela será diferente da nossa, talvez até avessa, e diferente daquela de que seus netos terão certeza.

– Sempre acreditei que só o esforço da razão ajuda a alcançar o que as coisas de fato são. Talvez hoje tenha me ocorrido que, se isso for verdade, mesmo a razão não será capaz de transformar as pessoas. Elas pouco estão abertas ao que não confirme o que já sabem. Talvez não mudem mesmo quando não são mais as mesmas.

– Isso tudo você percebeu de uma conversa com um discípulo de Górgias, de quem você tanto diverge?

– Ouvi dizer que um e outro anda por aí escrevendo em meu nome. Tomam isso como homenagem, mas tudo que fazem é fazer-me autor das ideias que são mais deles do que minhas.

– Nada melhor do que pôr na boca alheia o que pode ser risco assumir como seu.

– As pessoas não mudam... E isso ainda será usado como prova contra mim.

– Bobagem, sua voz no ginásium já seria mais do que suficiente para condená-lo em qualquer tribunal interessado em fazê-lo.

– Questionar o fundamento das certezas alheias, até descobrir o que as coisas são, sempre me ajudou a afastar o joio do trigo, mas agora percebo que talvez isso nunca nos permitirá a certeza acima de todas as dúvidas. Entender o que as coisas são pode ser simplesmente um erro que já estava em muitas pessoas ao mesmo tempo a uma só vez, mas pode não estar em todas as pessoas, nem em toda a era, o que dirá se compararmos todas as eras. Talvez não haja uma verdade acima de tudo, e cada verdade germine apenas novas dúvidas, que seriam novas condições para a verdade seguinte, num ciclo sem fim.

Sócrates sentia ter incorrido em erro. Talvez o embusteiro Górgias estivesse certo quando afirmava que perguntas levam apenas a novas perguntas.

– Quem sabe a escuridão só diminua se seguirmos um caminho que não sabemos bem qual é. Quem sabe a vida nos ofereça a contínua descoberta se nos dispusermos a procurar, não a perceber ao fim da jornada que se voltou ao que já se sabia. Quem sabe...



Sócrates vira-se de lado e pragueja.

– Se ao menos minha mão permitisse que eu escrevesse – lamenta-se. – Malditas guerras! Malditas dores!

– Teria de escrever minhas palavras também, não só as suas – zomba Xantipa.

– Mais vale continuar no ginásio ou falar ao relento – Sócrates pela primeira vez solta um sorriso de cumplicidade.

Ele gostava de provocar a mulher. Os vizinhos ainda troçavam dele por terem escutado ou inventado terem ouvido ele gritar: “Xantipa, quando você troveja, manda também a chuva?”, quando a mulher o enxotou de casa jogando um balde de água do terraço, tudo por ele chegar bêbado depois de um simposium com Alcebíades.

– Quando o que fazemos apenas confirma o que já éramos, mesmo mudar se torna só mais um capítulo já anunciado antes. Por isso, o oposto da identidade não é a mudança, mas a mudança que só confirma o que já se era, assim como o oposto da vida não é a morte, mas tudo que nos bloqueia. Para combater a escuridão não é preciso reclamar por uma luz, mas se saber acompanhado. Com todo verso e averso parece ser assim. O oposto de uma ditadura não é a decisão da maioria, mas as decisões da maioria tomadas a partir da mesma ciência das coisas. Por isso sempre acreditei que o contrário do

saber não é a ignorância, mas fingir saber mais do que se sabe. Saber é ignorar muita coisa que se aprendeu.

Nesta hora, Xantipa entendera. Sócrates não faria mal a uma mosca, se tal mosca não ousasse ameaçar Atenas, mas ele expunha a ignorância de tanta gente que o ódio tomara as praças e os recintos mais discretos. Se levado a um julgamento, e ela não tinha porque duvidar do marido nesse ponto, Sócrates poderia muito bem ser condenado em um tribunal injusto. Ele não teria tempo de elaborar o raciocínio divergente do que já dissera há tantos anos e, se tivesse tempo necessário, a mera negação do que havia dito seria considerada um ato de covardia, feita só para salvar a própria pele diante dos juízes. Ele só tinha as suas palavras, vivas, fortes, não podia contar com as mentes irracionais para ser bem interpretado. Não, ele não poderia recuar, não poderia negar as coisas que já dissera, rejeitando tudo o que um dia acreditara. Essa rejeição sincera que agora Xantipa testemunha não poderia ser admirada por mais ninguém, pois Sócrates sabe o descrédito que suas palavras teriam. Se fosse considerado inocente mesmo sem rejeitar o que dissera antes, tudo que dissesse dali em diante seria considerado sinal do medo de ser ameaçado pelos juízes no futuro. Sócrates poderia estar disposto a revisar o que um dia pensou, mas àquela altura todo esforço pareceria inútil. Só por isso ele esmorecia, percebeu Xantipa, pouco importava se houvesse qualquer fraude processual montada para acusá-lo.

A motivação para desdizer não seria tomada como vigor de um pensamento capaz de repensar as próprias certezas. Sócrates há de ter imaginado que, afinal, a evolução de suas ideias não poderia ter pior momento do que aquele, em que a mera falta de tempo de elaboração tornaria suas palavras um recuo covarde, mesmo que não tenha sido este o caso. Mostrar o desenvolvimento de seu pensamento enquanto ainda em estado de febre ele só se permitiria fazer diante dela, Xantipa, a fúria de Poseidon misturada ao humor de Hades, mas perspicácia e inteligência só comparáveis à de Atena, como ele mesmo dizia. Sócrates nem acusado ainda havia sido, mas se deixaria condenar, ela tinha certeza.

– Temos de falar com alguém sobre isso para evitar o pior – disse ela, pela primeira vez alarmada desde o início da conversa.



Sócrates parece absorto. Xantipa escuta alguém bater a porta. Espia do terraço e um instante depois retorna, com o cutelo na mão, alarmada:

– Vieram buscá-lo.

– Deixe que entrem – contemporiza Sócrates, que externa sua preocupação. – Manterei o que já havia dito, nada direi sobre essa linha de pensamento que agora me consome.

Os homens que vieram buscá-lo não eram da guarda dos juízes. O corpo só seria encontrado nos rochedos dias depois, desfigurado e inchado. Ninguém responderá pelo crime, que o Forum toma para si o dever das condenações, o fim do arco das acusações, que têm de tornar-se públicas para serem sacramentadas e o caso servir de exemplo à posteridade. Os juízes farão saber, no entanto, que Sócrates fora rapidamente julgado, condenado e preferira a morte posto incapaz de refutar as acusações que lhe pesavam.

Os amigos espalharão que ele foi um bravo diante de seus algozes, e tomou cicuta de bom grado, como genuíno herói do pensamento.